



IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

CASA DO PEQUENINO: PRÁTICAS EDUCATIVAS E A EDUCAÇÃO ESPÍRITA EM SERGIPE

Rosemeire Siqueira de Santana
r-siqueira-santana@bol.com.br
Josineide Siqueira de Santana
josimorena@bol.com.br
(UFS)

Resumo

Este artigo visa contribuir para os estudos da História da Educação em Sergipe, pautando-se na implantação de Instituições Escolares Espíritas e as práticas desenvolvidas na Casa do Pequenino e no Lar Meimei. As mesmas foram fundadas na cidade de Aracaju, durante o século XX. Os fundamentos teóricos metodológicos deste trabalho estão contidos nos pressupostos da Nova História e História Cultural e têm como fundamentação teórica as pesquisas relacionadas à História da Educação, Educação da Infância e Cultura Escolar, produzidas por pesquisadores, tais como: Dominique Julia (2001), Sonia Kramer (2003) e Diana Gonçalves Vidal (2003), entre outros. Neste período, registra-se o engajamento dos seguidores da Doutrina Espírita, em Sergipe e no Brasil, no sentido de implantar escolas que divulgassem os seus preceitos. Entre eles: Leopoldo Cime, grande entusiasta da doutrina e que através da “Revista Reformador” deu visibilidade ao movimento, além dos sergipanos Martins Peralva, Deusdeth Fontes e Laura Amazonas. A fundação de escolas espíritas em Sergipe tornou-se um fato decisivo para a afirmação de uma nova forma de pensar religiosa. Apesar das críticas combativas, por parte de outras denominações religiosas, a obra Casa do Pequenino conseguiu consolidar-se, sendo um marco da educação confessional espírita em Sergipe. Para a realização da pesquisa buscamos várias instituições, entre elas: Arquivo da Casa do Pequenino, Arquivo da União Espírita de Sergipe, Arquivos de particulares. Foram utilizadas e analisadas diversas fontes, tais como: atas, regulamentos, livros de matrícula e bibliografia especializada.

Palavras-chave: Casa do Pequenino. História da Educação. Educação Espírita.

Introdução

A análise em pauta tem como objetivo compreender como a sociedade sergipana visualizou a edificação das Escolas Confessionais Espíritas, verificar o processo de implantação destas escolas na cidade de Aracaju; investigar os aspectos históricos da formação da Casa do Pequenino, sua contribuição à infância pobre de Aracaju e estudar os elementos da cultura escolar desta instituição.

Em Sergipe o movimento espírita se iniciou no final de 1880, porém, teve os seus primeiros núcleos nas cidades de Laranjeiras e Estância. Ambas eram centros populacionais, sendo agraciadas por um desenvolvimento socioeconômico e cultural que levaria a uma vida urbana mais





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

densa. Assim, a população destas cidades aceitava novas ideias no campo religioso. Porém, na cidade de Aracaju, aproximadamente em 1903, os primeiros grupos começaram a surgir, embora não contassem de imediato com a devida divulgação. Isso ocorreu pelo simples fato de que quando foi “transformada em capital por ato administrativo de 1855, Aracaju era quase um povoado carente não só de estrutura física adequada às suas novas funções político-administrativas, mas também de vida urbana”(MENEZES, 2000, p.161), o que acabaria por não possibilitar a aceitação de novas práticas religiosas.

No entanto, a expansão do Espiritismo em Sergipe ocasiona polêmica, assim como, em todo o país, por parte de seguidores de outras religiões. Dessa forma, os espíritas se viram obrigados a afirmarem sua identidade religiosa, por meio das implantações de obras filantrópicas no campo da educação; “essas obras se tornam um orgulho para os adeptos do Espiritismo e passam a povoar seu imaginário, o que acabava estimulando ainda mais a proliferação das mesmas.” (AZEVEDO, 2010, p.296)

Porém, o estudo acerca das referidas instituições em nosso estado ainda não apresenta um trabalho efetivo a respeito da atuação e práticas educativas espíritas no campo da História da Educação em Sergipe, embora, a presença espírita em institutos de educação venha sendo registrada no Brasil desde a primeira metade do século XX.

Em 1940, o juiz de menores do Rio de Janeiro Saul de Gusmão deu início ao “serviço de recenseamento e fiscalização das casas de proteção à infância”. Com esse fim, o curador de menores inspecionou pessoalmente 54 estabelecimentos, 33 deles registrados no Juízo de Menores. Das instituições registradas, 27 eram católicas e 6 espíritas.(RIZZINI, 1995, p.267)

O processo de implantação de escolas espíritas se fortaleceu no período de 1900 a 1913, quando esteve à frente da Federação Espírita Brasileira Leopoldo Cirne, que além de dirigir a instituição, estava no comando da “Revista Reformador,” que servia como instrumento de divulgação das ações do movimento, contribuindo para a formação das identidades dos seguidores da doutrina espírita e sendo considerada como uma fonte das representações e práticas.

Permite vincular estreitamente as posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais. As representações coletivas, na maneira como são definidas pela sociologia de





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Durkheim e Mauss, incorporam nos indivíduos, sob a forma de esquemas de classificação e juízo, as próprias divisões do mundo social. São elas que transmitem as diferentes modalidades de exibição da identidade social ou da potência política tal como fazem crer os signos, as condutas e os ritos. (CHARTIER, 2009, p.49-50)

Assim, o conceito de representação resume-se a um conjunto de práticas que irão determinar, dentro de um ideal coletivo ou individual, as identidades sociais que resultam das relações de força impostas por aqueles que podem classificar e determinar os modelos no campo social, político, cultural e educacional.

O marco inicial da expansão da educação escolar espírita ocorreu no ano de 1904, durante comemorações do centenário de nascimento do idealizador do espiritismo, Alan Kardec. Durante a programação houve a inauguração das Aulas de Humanidades, que aconteceriam na sede da Federação Espírita Brasileira. Podemos considerar como a primeira investida da instituição no campo da educação escolar, pois o curso de humanidades se caracterizava como um conjunto de aulas que envolvia as seguintes disciplinas: Português, Francês, Aritmética e Filosofia/Moral.

As aulas foram iniciadas com a intenção de se ter um curso completo de instrução secundária. Nesse mesmo período era assinado o documento denominado de “Bases da Organização Espírita” tendo como um dos seus objetivos, instituir, por toda parte, cursos gratuitos de instrução elementar ou secundária, sendo uma parte destinada ao ensino da Moral ou Filosofia Espírita. Assim, Leopoldo Cirne surgia como defensor do que ele denominou de obra educativa espírita, defendendo educação escolar como:

Sobreleva [...] na ordem dos benefícios a realizar em nome da fraternidade espírita, a instituição dar aulas gratuitas de instrução elementar, porque, se é útil desenvolver a inteligência nas aquisições do conhecimento superior, necessidade mais imperiosa é dissipar as primeiras trevas da ignorância, emancipando da sua acabrunhadora tutela não somente os adultos que a negligência própria deixou ao abandono, mas, sobretudo a infância, que é o penhor e a esperança do futuro. (AZEVEDO, 2010, p.300)

A necessidade da instrução era visível, e os espíritas foram abrindo escolas elementares para crianças e adultos com uma perspectiva de fornecer uma educação dentro dos seus princípios religiosos, desenvolvendo, assim, uma cultura escolar apresentado JULIA (2001, p.10) como:

Conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

Os espíritas queriam colocar em prática a sua maneira de educar. Essas instituições se tornaram um verdadeiro orgulho para os seguidores da doutrina, que se sentiram estimulados a difundir as mesmas. Eles viam nas obras educativas a afirmação de sua identidade religiosa. A primeira instituição educativa espírita do Brasil foi criada em 1919 e recebeu o nome de “Abrigo Thereza de Jesus”, na Tijuca, no Estado do Rio de Janeiro. A partir dessa data nota-se a implantação de novas escolas, registrando assim, um crescimento no número de instituições espíritas que se dedicavam à assistência e à educação de crianças.

Os seguidores da doutrina acreditavam que fora da caridade não haveria salvação e, embasados neste lema, empenharam-se não somente na edificação dos asilos para órfãos, mas também na construção de escolas que estariam sobre a responsabilidade dos Centros Espíritas que teriam como objetivo a redução do “analfabetismo”.

Em Aracaju os seguidores da Doutrina Espírita não ficaram fora do processo de criação das escolas. Por esse motivo, a partir dos anos 40 do século XX, as Escolas Confessionais Espíritas começam a ser criadas. Entre elas, podemos destacar três em ordem de fundação.

A Escola Líveo Pereira que funcionava como Escola de Primeiras Letras e Orfanato, localizada à Rua Vereador João Claro, antiga Rua Sergipe no Bairro Aribé, atual Siqueira Campos. Tendo sua “pedra fundamental” assentada em 1946, essa obra recebeu um especial carinho da benfeitora, a odontóloga Dr.^a Laura Amazonas. Fundada em 1948, a princípio, a escola funcionou com o apoio da Liga Sergipense Contra o Analfabetismo, colocando em prática a escola noturna de alfabetização, sendo, implantadas, logo depois escola primária e orfanato, encerrando suas atividades no decorrer de 1990.

A Escola de 1º Grau do Ensino Fundamental Professora Zizinha Guimarães, administrada pela senhora Carmen Novaes, mantida pelo Centro Espírita Amor e Caridade, situada à Rua Riachão, nº 1270, no Bairro Cirurgia, fundada em 17 de abril do ano de 1966, encerrou suas atividades durante o ano de 2010. Atendeu crianças do bairro, mas também de outras localidades. Essa, porém, foi a única que funcionou apenas como escola.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A Casa do Pequenino que compreende a “Escola Amélie Boudet e Lar Meimei”, localizada à Rua Dom José Thomaz nº 155, Bairro São José, subsidiada pela União Espírita de Sergipe. Porém, destas escolas a “Casa do Pequenino”, fundada em 1966, é a única que continua em atividade até os dias de hoje.

Implantação da casa do pequenino

As primeiras iniciativas voltadas ao amparo da criança partiram de médicos higienistas que, preocupados com a alarmante mortalidade infantil, saíram em defesa dessas. A ideia de proteção à infância começa a ganhar vida, porém, as instituições existentes não eram suficientes para atender o contingente de crianças carentes.

[...] O Asilo de Meninos Desvalidos, fundado no Rio de Janeiro em 1875 (Instituto João Alfredo), os três Institutos de Menores Artífices, fundados em Minas em 1876, ou os colégios e associações de amparo à infância (como o 1º Jardim de infância do Brasil, Menezes Vieira, criado em 1875), eram insuficientes e quase inexpressivos, frente à situação de saúde e educação da população brasileira. (KRAMER, 2003, p.50)

O processo educativo da infância brasileira, a partir de 1930, começa a vivenciar fatos que marcaram, nacionalmente, as transformações da sociedade. A necessidade de inserir nas instituições a moral, no que diz respeito a princípios e valores, traz à tona o interesse e a atuação dos órgãos responsáveis e de pessoas comprometidas com a formação social do indivíduo.

É nesse contexto que surge a Casa do Pequenino. Idealizada no ano de 1947 pelos seguidores da Doutrina Espírita como Martins Peralva, João Resende, Drª Laura Amazonas, José Elson Fontes, José Mesquita Neto e Deusdeth Fontes, pautados na Escola de Evangelização “Lindolfo Campos” começam a idealizar, uma nova instituição educativa filantrópica, de acordo com citação extraída da Ata da Sessão Extraordinária de 15 de março de 1947, do Livro III de Atas da União Espírita Sergipana: “que foi organizado um estudo para início da campanha da Sede, Albergue e Escola. [...] onde possa funcionar uma creche, uma escola e um gabinete médico”.

A instituição se propunha a atuar como Lar e escola, a princípio, denominada “Casa do Pequeno Pobre”, cujo objetivo estava voltado para o atendimento às crianças órfãs e





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

abandonadas. A União Espírita de Sergipe considerava relevante a realização de obras para amparo social, e acreditava que esta atitude era dever de todos.

O Governo não pode alcançar toda uma carência no meio de humildes criaturas. Mesmo os povos mais ricos e desenvolvidos defrontam-se, de uma forma ou de outra, com esse complexo problema. Em países subdesenvolvidos o estado de necessidade é o mais variado. E os religiosos de todos os credos dão-se as mãos por minimizarem dificuldades. (JESUS, 2006, p.45)

Nesse momento, a filantropia surgia como modelo assistencial em substituição ao de caridade, voltando-se para a tarefa de organizar a assistência, dentro dos novos conceitos sociais, políticos, econômicos e morais, que surgiram no Brasil no início do século XX. Entretanto, as associações filantrópicas voltadas ao amparo e à assistência à infância. Foram sendo criadas, em maior volume, a partir da década de 1930.

No ano de 1949 o desejo dos integrantes da União Espírita Sergipana era fundar uma Escola Espírita voltada para a criança socialmente desassistida, cuja preocupação consistia em evangelizar, educar e instruir. A edificação da Casa do Pequenino começa a ganhar impulso após doação do terreno que media 650m² e fora doado pela benemérita Laura Amazonas.

Em 25 de dezembro de 1949 acontece a cerimônia de assentamento da pedra fundamental do Complexo Filantrópico instituído pela União Espírita de Sergipe. Somente após dois anos começava a ser concretizado o sonho de construção da escola-albergue Casa do Pequenino, que compreendia a Escola Amélie Boudet e o Lar Meimei. A primeira atenderia ao curso primário, quanto ao segundo, a creche e orfanato, que promoviam o atendimento a crianças carentes e abandonadas. No entanto, o início da construção não se processou de imediato, tendo em vista problemas na planta baixa, conforme se lê na Ata nº 41, de 25 de fevereiro do ano de 1950:

O presidente esclareceu que, em virtude da planta da “Casa do Pequenino Pobre” não achar-se de acordo com as necessidades do momento, não poderá dar começo às obras da referida Construção. Informa, entretanto, que está tratando de uma nova planta de acordo com as mediações da Legião e Saúde Pública.

Em junho de 1950 é que se volta a pensar na possibilidade de iniciar a construção da Casa do Pequenino. Tendo em vista a isenção da taxa de licença para construção, concedida pela Prefeitura, muitas foram as campanhas realizadas em prol da construção da instituição. Embora o terreno tivesse sido doado, faziam-se necessários recursos financeiros para edificação do prédio





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

que se destinaria à consolidação de um projeto, cujo objetivo principal consistia no atendimento a crianças que pertencessem a famílias sem perspectivas de vida, e sem que houvesse qualquer distinção de cor e credo religioso que inibisse esse acesso. “Relacionando a condição de pobreza à perpetuação da ignorância, acreditavam que assistir e proteger a infância pobre seriam ações fundamentais para o alcance de objetivo comum” (SCHUELE, 2001, p.163).

A ajuda financeira foi arrecadada através de quermesses realizadas na Praça Olímpio Campos, até a implantação da instituição e no período das comemorações natalinas que aconteciam na Praça Teófilo Dantas. As pessoas que iam àquele local, além do “Carrossel do Tobias”, poderiam conhecer um pouco da arte culinária e cultura chinesa, pois a União Espírita, por meio da confeitaria Neide Mesquita, mantinham uma tenda com aspectos da cultura chinesa, indo do uniforme à ornamentação do ambiente.

Durante o ano de 1951, a Dra. Laura Amazonas, juntamente com a Senhora Neide Mesquita, empenharam-se para a montagem da peça de teatro “Tapete Mágico”, que fora dirigida pela própria Neide Mesquita, com assessoria de Nildete Nascimento, e no elenco as participantes da Juventude Espírita de Sergipe: Clese Mary Mesquita, Rose Mary Mesquita e Marilourdes Ramos. A renda obtida com o espetáculo seria destinada à Casa do Pequenino. A Dra. Laura Amazonas incumbiu-se de convencer personalidades da sociedade sergipana a prestigiarem o espetáculo e de convencer também os pais dos componentes da referida encenação a permitir que seus filhos tomassem parte da mesma.

Dona Neide Mesquita, com o apoio dela e de outras senhoras, fizeram um teatro (sic) “O Tapete Mágico”. Eu fui artista do Tapete Mágico, foi, com a intervenção dela junto ao meu pai. O Tapete Mágico se apresentou em 1951, no Cine Teatro Rio Branco em quatro apresentações, toda de casa lotada. Dra. Laura tentava conscientizar as famílias para permitir que suas filhas participassem em face da finalidade da peça (GOMES; VASCONCELOS, 2008, p.13).

Um dos motivos que contribuiu para que o espetáculo saísse de cartaz foram as críticas feitas pela Igreja Católica, por meio do Arcebispo da época, no jornal “A Cruzada”. Os católicos viram a Casa do Pequenino como uma concorrente para as escolas confessionais católicas, pois essas escolas também acolhiam a mesma clientela de crianças carentes, porém as crianças carentes recebiam, em alguns casos, tratamento diferenciado perante os filhos da camada economicamente privilegiada. “A igreja procurou estabelecer uma estratégia de “reforma pelo

2667





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

alto, voltando-se prioritariamente para a formação da elite e das filhas das classes dominantes, através da implantação de uma rede de estabelecimento de ensino em todo país” (MELO, 2007, p.43).

No Estado de Sergipe, a prática da Educação Separatista foi vivenciada na cultura escolar dos Colégios Nossa Senhora das Graças (anexo Santo Antônio) e Nossa Senhora de Lourdes (anexo Nossa Senhora do Bom Conselho). Estas instituições construíram anexos para atender àquelas crianças que se encontravam abaixo do padrão econômico social e sem oportunidade para ascensão. A Educação posta à disposição daquelas crianças era diferenciada, e o contato das alunas do anexo com as alunas do colégio era limitado.

[...] As irmãs no ano de 1916, abriram a Escola de Santo Antônio, uma instituição gratuita. O problema, então, estendeu-se para a separação de um lado, as filhas da elite e, do outro aquelas, mais desprovida socialmente. . Ao que tudo indica, as alunas das duas instituições eram educadas por membros da mesma congregação; porém, de maneira diferenciada, acabavam não mantendo muito contato e deixando transparecer, atualmente, que as oportunidades, os cuidados e as atenções derivavam da condição social de cada uma das alunas. (MELO, 2007, p.65)

Embora os colégios confessionais católicos desenvolvessem atividades voltadas às crianças desvalidas, as suas práticas acabavam por desenvolver o estranhamento e o preconceito entre os grupos sociais. Diante disso, a Casa do Pequenino pretendia reduzir as diferenças, através dos ensinamentos educativo, ético e moral, independente de etnia e religião.

Era notório o envolvimento e o compromisso desenvolvidos para realização da obra do albergue-escola “Casa do Pequenino,” que passou a ser a pupila dos seguidores da religião espírita, representados através da União Espírita Sergipana. Eles acreditavam que seria preciso colocar em prática o que se pregava, e durante a cerimônia de posse da nova diretoria, em 1952, conforme o relatado no livro de Atas de 02 de novembro do citado ano, o confrade Milton Oliveira faz uso da palavra, declarando “que a grande obra que estamos empreendendo que é sem dúvida a Casa do Pequenino, possa contar, como sempre com o apoio de todos os espíritas, para poder por em prática aquilo que sempre estudamos e que é a caridade”. E, para por em prática a caridade em prol dos desvalidos, foi preciso a realização de várias campanhas. Tudo dependia apenas do interesse e do compromisso das pessoas em ajudar.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Durante as reuniões da União Espírita, os integrantes se mostravam preocupados com as obras da Casa do Pequenino, porém não deixavam de acreditar, envolvendo-se e festejando, todas às vezes, em que era comunicada a retomada da construção. Como podemos ver através do registro em Ata de 30 de julho de 1935.

O Presidente fez alusões à atuação do irmão Tesoureiro na “Casa do Pequenino” e de outros, comunicando o reinício das atividades de construção de referida Casa que brevemente será inaugurada e, das campanhas para aquisição de colchões, cobertores e outros utensílios destinados à instalação.

No início do ano de 1966 concretizava-se o que vinha sendo esperado desde 1949. Em 14 de março começa a ser posta em prática a educação em favor das crianças desprovidas de atenção do poder público, conforme pode ser verificado no termo de abertura do Livro de Matrícula de 1966: “servirá este livro para o registro da matrícula dos alunos, da Escola “Amelie Boudet”. Sito à Rua Dom José Thomaz, 588 em Aracaju – Sergipe. Professora Regente da Escola Ana Maria Fontes, Diretora da Casa do Pequenino Neide Mesquita. Embora a Casa do Pequenino abrangesse o complexo “Escola Amelie Boudet e o Lar Meimei,” no ano de 1966, apenas a escola primária entra em funcionamento, conforme artigo 2º do Regulamento Interno do Complexo Casa do Pequenino de 1966:

A Escola “Amelie Boudet” é um anexo da “Casa do Pequenino”, funciona sob sua direção e se propõe a administrar o ensino primário, gratuitamente, obedecendo ao programa oficial, adotado no Brasil, preparando seus alunos para admissão ao ginásio ou qualquer curso secundário nacional.

No entanto, a solenidade de inauguração fora realizada aos vinte e nove dias do mês de junho de 1966, com a presença de várias autoridades, membros da União Espírita Sergipana, e de componentes de outros grupos espíritas, além do Coral da Escola de Evangelização “Lindolfo Campos” e da Dr^a. Laura Amazonas, personalidade importante para a consolidação daquele momento.

O entusiasmo dos componentes foi demonstrado durante a cerimônia de inauguração, quando o então presidente da União Espírita Sergipana, José Mesquita Neto agradeceu a todos que contribuíram para que a tão esperada obra, cujo nome remete a algo pequeno, porém grande aos olhos dos seus idealizadores, se tornasse realidade, e nas palavras expressas no discurso do Dr. Manoel Cabral Machado, Secretário de Educação e Cultura do Estado, que demonstrou o seu encantamento ao proferir, conforme o registrado no Livro de Atas e outras Inaugurações de 1949:





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

“vibrante alocações enaltecendo a obra a que vem inaugurar, analisando, com profundezas filosóficas, a expressão – trabalho – solenidade – tolerância, usadas pela professora D. Neide Mesquita”.

O ano seguinte foi considerado ímpar para a União Espírita Sergipana, pois se concretizava a outra parte do sonho: a Casa do Pequeno, que já agregava a Escola Amélie Boudet, implanta os serviços do Lar Meimei em 1967, que serviria de amparo à criança, em regime de internato. E, exatamente em 09 de abril, realizava-se no salão da escola a solenidade de inauguração. Nessa solenidade, a exemplo da outra, foi possível registrar a presença de várias autoridades, dentre elas: José Mesquita Neto (Presidente da União Espírita), Carlos Salter (Venerável da Loja Maçônica Capitular Cotinguiba), Capitão Djalma Farias (representante da CAPEMI), Dra. Laura Amazonas, Dr. Benjamim Leite, e Divaldo Pereira Franco, que teve o importante papel de orador oficial da solenidade, além de representantes de vários grupos da U. E. S (União Espírita de Sergipe).

Para encerrar os trabalhos, foi convidada a Dra. Laura Amazonas que se empenhava cotidianamente, para cortar a fita simbólica do Lar Meimei. E, assim, a Casa do Pequeno abria suas portas para a sociedade sergipana.

As práticas educativas do lar meimei

A cultura escolar, nos leva a descobrir o que ocorre dentro dos muros de cada instituição educativa, quais práticas “são instauradas no interior das escolas, transitando de alunos a professores, de normas a teorias” (VIDAL, 2003, p.45), como são vivenciadas e de que forma os alunos destas escolas se apropriam dos conceitos adquiridos, durante o período em que estiveram na instituição.

A Casa do Pequeno, assim como as demais escolas espíritas deveriam seguir o “Manual das Escolas Espíritas” servindo de orientação para a condução do funcionamento e das metodologias adotadas pelas Escolas Confessionais Espíritas. Os seguidores da Doutrina Espírita, acreditavam que educar era criar hábitos sadios, pela instrução e para a vivência em sociedade, como as “experiências cognitivas que a escola proporciona e que se estendem à sociedade” (VIDAL, 2003, p.45). No entanto, não bastaria apenas ensinar ao educando os conceitos formais de português,





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

matemática, física e outras disciplinas, mas era preciso ensinar-lhes, o amor a Deus e o respeito aos outros. O espiritismo entende por educação o processo de aperfeiçoamento das faculdades do espírito. Para eles educar, em sentido lato, não é apenas instruir, conforme orienta o Manual da Escola Espírita:

A aprendizagem das letras, da matemática, das artes e ofícios e das ciências em geral não é mais importante do que a formação do caráter, do que a aquisição da bondade e do senso de justiça, do cultivo da verdade. A escola não apenas ocupar-se da primeira dimensão instrucional, entendendo deixar para os lares e religiões a segunda dimensão, a do desenvolvimento do espírito humano. (MANUAL DA ESCOLA ESPÍRITA, 2007, p.160)

É por meio da educação que as gerações se transformam e aperfeiçoam-se. Para uma nova sociedade é preciso homens novos. Dessa forma, a pedagogia espírita, pauta-se na afirmação de que contribuirá para um mundo mais cristão.

“Não somos apenas nós, os espíritas, que sentimos a necessidade de preparar as novas gerações para um mundo novo e melhor. A Pedagogia moderna, a partir de Rousseau, e alcançando, em meados do século passado, o seu ponto culminante em Pestalozzi, mestre de Kardec, propõe-se precisamente essa tarefa.[...] representam esforços concretos e não apenas teóricos, no sentido de uma formação mais adequada do homem, para uma civilização mais humana”. (MANUAL DA ESCOLA ESPÍRITA, 2007, p.167)

Assim, o funcionamento e metodologia das Escolas Espíritas, deveriam ser constituídos tendo como base o Manual das Escolas Espíritas, fazendo as adaptações de acordo com a realidade de cada escola, porém, jamais deveriam deixar de repassar os ensinamentos do evangelho. Diariamente deveriam ser estabelecidos quinze minutos antes do início das atividades, para a realização do culto ao Evangelho. Outra prática dentro das Escolas Espíritas era o estímulo à participação das crianças, de forma ativa, no cumprimento da limpeza geral da sala que contemplava: lavar as cadeiras, o filtro da sala, varrer o chão, desocupar a lixeira, limpar o quadro e outras tarefas necessárias para a formação do espírito de cooperação, e responsabilidade coletiva do ambiente. “A higiene física, a moral e a intelectual são assim, saúde para o corpo, caráter para a alma e inteligência para a sociedade” (OLIVEIRA, 2010, p.32). Em última escala a aplicação do conteúdo formal.

Segundo o Regulamento da Casa do Pequeno, os alunos deveriam ser preparados para admissão ao curso primário, ginásio ou qualquer curso secundário nacional e ainda se propunha a

2671





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

despertar na criança o sentimento de amor a pátria, fazê-la agir dentro do código de civismo, dando-lhes hábitos sadios, ordem, honestidade, cooperação, trabalho, e acima de todos esses princípios, o mais elevado, o mais sincero e consciente o amor a Deus. E, esta era uma das práticas realizadas dentro da estrutura do Lar Meimei.

O cotidiano nas instalações do Lar Meimei acontecia da seguinte maneira, as crianças eram acordadas às seis horas da manhã, formavam fila na porta do banheiro; a primeira atividade do dia era o cuidado com o corpo, que consistia na higiene pessoal “As crianças devem lavar a cabeça logo de manhã, livrando-as das más exalações dos fedores do corpo. O ritual do banho torna-se uma prática pedagógica higienizadora” (OLIVEIRA, 2010, p.32).

Os métodos pedagógicos colocados em prática no Lar Meimei, eram voltados para o cuidado com o corpo, o zelo pelas roupas, alimentação saudável, aulas de boas maneiras, a exemplo de como sentar-se à mesa e como usar os talheres. Os internos não iniciavam as refeições e nem dormiam antes de fazer as orações. Às sete horas da manhã, as crianças deveriam estar à mesa para a primeira refeição do dia; porém, antes era realizada uma oração, muitas vezes conduzidas pelas internas mais velhas, ou pela preceptora do Lar Meimei. Após, as refeições, todos deveriam retirar os pratos e talheres da mesa e levá-los para a cozinha.

A limpeza do espaço ficava sob a responsabilidade das internas mais velhas, enquanto que as mais novas apenas auxiliavam, pois desde cedo era preciso discipliná-las. Quantos aos meninos auxiliavam nos serviços elétricos e hidráulicos, sendo orientados, geralmente, pelo vice- diretor do Lar, o senhor José Mesquita Neto.

As outras refeições eram servidas nos seguintes horários: às nove horas da manhã, o lanche; ao meio dia o almoço; às quinze horas, o lanche da tarde; às dezoito horas, o jantar e antes de cada refeição as crianças deveriam fazer a higienização das mãos. Às vinte horas eram recolhidas aos quartos. A disciplina era primordial para se estabelecer a ordem e o respeito, e era adquirida através dos ensinamentos repassados, tanto pelos professores da Escola, quanto pela guardiã do Lar Meimei.

Embora, as orações fossem realizadas diariamente dentro da estrutura do Lar, todos os domingos os internos tinham por obrigação ir à Escola de Evangelização Lindolfo Campos. Eram





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

conduzidos pela preceptora e os mesmos consideravam o domingo como dia de festa, pois além das orações havia dramatizações e brincadeiras.

Uma vez no mês os internos recebiam visitas de seus genitores ou parentes, porém, a exigência dos Diretores do Lar era a de que essas pessoas não levassem apenas lanches e brinquedos para as crianças de sua família, o que fosse entregue a uma criança deveria ser distribuída com as outras, era uma maneira de colocar em prática a solidariedade.

Assim, o Lar Meimei inaugurado em 1967 buscava por meio das suas práticas educativas, favorecer a criança desassistida para transformá-la em cidadã útil e capaz, para que a mesma pudesse fazer parte da sociedade em pé de igualdade com as demais.

A edificação das Escolas Espíritas em Sergipe não foi diferente da dos demais estados, pois também sofreram perseguições por parte da Igreja Católica, embora a ideia da construção dessas escolas só tenham ocorrido durante o século XX, período em que o Movimento Espírita Sergipano já se considerava fortalecido para enfrentar as críticas e realizar campanhas em prol da construção de tais escolas. Nos demais estados do país o que prevalece até os dias de hoje são os orfanatos, porém, em Sergipe, na cidade de Aracaju, foram as escolas que tiveram vida longa.

Das três Instituições implantadas, apenas a Casa do Pequenino persiste até os dias de hoje desenvolvendo suas atividades, passando por algumas modificações em sua estrutura. Hoje, esta instituição se resume à Escola Amélie Boudet, porém, em regime de semi-internato, sem abandonar a sua causa inicial, enquanto o Lar Meimei, este fechou suas portas durante o ano de 1992 quando da efetivação da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), que determinava que a partir daquela data as crianças recolhidas em abrigo deveriam viver no seio familiar.

Referências

AZEVEDO, Alexandre Ramos de. “Os espíritas e Anália Franco: Práticas de assistência e escolarização da infância no início do século XX”. In: **Cadernos de História Educação**. São Paulo: v. 9, nº 2, jul/dez.2010.p.292-307.

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

GOMES, Iadry Aparecida Lima; VASCONCELOS, Flaviana Martins. **Evangelizar e Instruir: A Prática Pedagógica da Dr^a. Laura Amazonas**. Aracaju, Universidade Tiradentes/UNIT, 2008. Monografia (Graduação em Pedagogia)

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Editora Autores Associados, nº 1, janeiro/junho, 2001.p.9-43.

KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil. A arte do disfarce**. 7^a Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

2673





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

MELO, Valéria Alves. **As Filhas da Imaculada Conceição**: Um estudo sobre a Educação católica (1915—1970). São Cristóvão, Núcleo de Pós-Graduação em Educação/UFS, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação).

MENEZES, C. Eufrazia. O espiritismo em Sergipe. In: **Revista do Núcleo de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais**. São Cristóvão – Sergipe, n.1, 2000. . p. 159-174.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Leituras do sensível**: escritos femininos e sensibilidade médicas no Segundo Império. Campinas grande: EDUFCEG, 2010.

RIZZINI, Irma. Meninos desvalidos e menores transviados: a trajetória da assistência até a Era Vargas. In: PILLOTTI, Francisco; RIZZINI, Irene (orgs). **A arte de governar crianças**. Rio de Janeiro: Instituto Interamericano Del Nino, Editora Universitária Santa Úrsula, 1995.p. 243-298.

SCHUELE, Alessandra F. Martinez. A associação Protetora da Infância Desvalida e as Ecolas de São Sebastião e São José: Educação e Instituição no Rio de Janeiro do século XIX. In: MONARCHA, Carlos. (org.) **Educação da Infância Brasileira: 1875-1983**. Campinas: Editora Autores Associados, 2001.p. 157-184.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas Escolares**: estudo sobre as práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França final do século XIX). Campinas: Autores Associados, 2003.

Fontes

Livro de Atas nº III de 02 de junho de 1947 a 29 de fevereiro de 1964.

Livro de Matrícula da Escola Amelie Boudet do ano 1966.

Manual da Escola Espírita (2007)

Regulamento Interno do “Complexo Casa do Pequenininho” de 1966.

